

RELIGIOSIDADE POPULAR DO LITORAL CATARINENSE

ex-votos e culto doméstico

por
Edison d'Ávila*

A gente catarinense do litoral viveu sempre arraigada à forte religiosidade católica. Trata-se de herança cultural portuguesa que, no caso da beira-mar de Santa Catarina, teve significativo contributo açoriano desde a segunda metade do século XVIII. Os ilhéus sempre demonstraram inquebrantável fé e profunda devoção ao sagrado.

Esta crença religiosa, em Santa Catarina, assim como no restante do Brasil, constituiu-se num catolicismo rústico, construído sem interferência da hierarquia da Igreja, (muitas vezes distante face às grandes distâncias), característico das camadas populares e eivado de intensa religiosidade no grupo familiar e comunitário. Como ensina Mircea Eliade (1992: 18) o homem simples “tem tendência para viver o mais possível o sagrado, pois para ele o sagrado equivale ao poder e, em última análise, à realidade por excelência”.

Os habitantes do litoral catarinense, pescadores e agricultores, vivendo, nos séculos da colonização, num regime de produção e autoconsumo, inclusive no plano religioso, construíram um igualitarismo também em suas relações com o sagrado. Os santos como que conviviam com as pessoas, o que fazia dispensável, em muitas ocasiões, a intermediação dos ministros da Igreja. As manifestações do sagrado no mundo profano dessa população significavam profundamente o desejo de ser, de participar da realidade, de saturar-se do poder, conforme dizer do autor citado.

* Universidade do Vale do Itajaí (Brasil).

Os santos eram tratados como pessoas da família, a quem se faziam pedidos, prometia-se e se pagavam promessas. Esta cultura religiosa incentivou o costume popular de fazer homens e santos personagens duma mesma história, habitantes de um mundo comum, em que se trocam favores e mercês. Então, no mundo natural – profano - são inúmeras e consideráveis as manifestações do sagrado, as hierofanias.

Ao sagrado se fazem promessas, por exemplo, e, pelas graças recebidas, faz-se devota e publicamente o seu pagamento. O pagamento de promessas, entre os catarinenses litorâneos, assume uma diversidade de procedimentos. Veste-se traje de santo ou de anjo, caminha-se descalço ou carregando algum objeto, como velas, cruzes, pedras ou o próprio andor do santo nas procissões. Assiste-se a missas com velas seguras acesas ou segurando bandeiras e pendões religiosos. Deixa-se o cabelo ou a barba crescer, para só cortá-los no dia da festa do santo. Se for menina, pode somente trajar-se de branco até os sete anos. Faz-se realizar uma Mesa de Inocentes. Mas há os pagamentos em espécies, como dinheiro, produtos da lavoura, animais de criação e com massas de promessas.

Estas massas de promessa, que se constituem na religiosidade catarinense num tipo peculiar de ex-votos, bem como as Mesas de Inocentes, são os temas que se discutem particularmente neste artigo.

Ex-votos: origem, função e usos

Todos os autores que estudam o tema são concordes em dizer que a tradição de oferecer ex-votos aos santos é uma herança que vem dos antigos gregos e romanos. Os antigos praticavam uma devoção religiosa que considerava os deuses benfazejos, benévolos e providenciais. Waldomiro Piazza, ao tratar da religião na Grécia e Roma antigas, fala que “a prece assume o caráter de ‘voto’, quando está ligada à promessa de oferta de um dom. Pode ser público, quando feito pelo magistrado romano em nome do povo, ou particular. Quem faz o ‘voto’ fica na condição de ‘devedor’, que cessa só quando cumprida a promessa. Daí o costume de fixar tabuletas, ao pé das imagens ou dos altares dos deuses com a expressão “ex-voto’ (foi um voto)”.

Os romanos diversificaram os objetos oferecidos como ex-votos, tais como imagens escultóricas ou pinturas do doador, ou da parte do corpo que foi objeto de cura. Este tipo de objetos votivos era abundantemente encontrado, por exemplo, no santuário de Esculápio, deus romano da Medicina, na ilha Tiberina, em Roma. Assim, propunham-se aos deuses negó-

cios que, se aceitos, eram pagos com a oferta de ex-votos. A cristianização do Império Romano, a partir do século IV, não conseguiu suprimir este costume pagão, que foi assimilado pelos cristãos, através do sincretismo.

Portanto, o voto ou promessa se constitui num ato de devoção propiciatório, feito antes de ser recebida a graça que se quer alcançar. Já o ex-voto é o cumprimento da promessa feita, depois que a graça foi alcançada. Houve sempre um grande temor, se o pagamento da promessa não era feito ou demorava muito a ser cumprido.

O cumprimento da promessa tinha caráter de testemunho público do poder milagroso da divindade ou podia também servir para divulgar, com certa dose de vaidade, o apreço que o crente merecera.

Foram os portugueses, naturalmente, os introdutores da prática dos ex-votos no Brasil, através do catolicismo popular vivenciado na Península Ibérica, o que acrescentou a esta prática também crenças, rituais, usos e costumes religiosos. Não se pode esquecer, por outro lado, que a característica sincrética da religiosidade brasileira dificulta, em muitos casos, identificar traços específicos de cada cultura presente na prática religiosa do brasileiro.

Espontaneidade, tradicionalidade e popularidade parecem ser as principais características dos ex-votos, pois não são coisas impostas por qualquer instituição; sua prática passa de geração à geração, permanecendo sempre na memória do povo; têm eles grande aceitação popular, funcionando como elemento místico-religioso. Por estas características, os ex-votos foram considerados como fato folclórico por Rossino Tavares de Lima, em sua obra *Abecê do folclore*, editada em 1968.

A função mágica, que se quis também ver nos ex-votos, tem sido considerada como exagero, já que se desconhece o entendimento do voto, segundo o qual a sua doença, por exemplo, seria transferida para o objeto ofertado. Não são igualmente conhecidos rituais ou mistérios na preparação ou na oferta dos ex-votos, sempre entendidos como simples agradecimento por uma graça atendida. Por isso, nunca foram comprovadas práticas animistas nesta devoção popular. Mesmo a presença de ex-votos representando animais, um caso bem brasileiro, na verdade significa o agradecimento pela cura de seres que social e economicamente participam da vida do devoto. Do mesmo modo, são desconhecidas ligações com a morte. Os ex-votos celebram sobretudo o bem, a alegria, a vida.

Por seu significado testemunhal o ex-voto apresenta maneiras diversificadas de representação. O testemunho pode ser feito pela deposição no santuário do objeto de uso do crente e agora tornado desnecessário pela

graça obtida; tais como, muletas, bengalas, óculos. O ex-voto pode ser representado também por pintura, desenho ou gravura que mostre qual a graça e como ela foi atendida. Neste caso, são famosas as tábuas votivas do Ciclo do Ouro, existentes em igrejas de Minas Gerais. Modernamente, esta forma de representação tem sido feita pela fotografia, destacando ainda mais a vaidade do agraciado. Outra forma é a representação escultórica, em madeira, cera, gesso ou barro, da figura do agraciado, ou da parte curada de seu corpo ,ou ainda da figura do animal curado.

A representação escultórica em massa comestível de farinha de trigo somente é conhecida no litoral de Santa Catarina e dela se tratará a seguir.

Massas de promessa: origem e sobrevivência

Antônio Augusto Nóbrega Fontes (1925 – 1986), eminente folclorista catarinense, sempre afirmou que as massas de promessa eram exclusivas da religiosidade popular de Santa Catarina. De fato, na bibliografia brasileira sobre ex-votos nada se encontra referido sobre as mesmas. Em publicações catarinenses, somente são encontradas rápidas referências a elas em textos sobre cultura popular.

As massas de promessa catarinenses parecem derivar do costume açoriano, ainda hoje presente nas ilhas do Arquipélago, de realizar os bodos no domingo de Pentecostes e no da Santíssima Trindade. Segundo o “Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa” (2001), a palavra bodo se originou do termo latino votum, voto; que no século XIV era dito vodo. Pois bem, bodo significa voto, promessa, oferenda, repasto abundante, refeição, partilha de alimentos aos pobres em dias festivos.

Conta-nos Hildo Teófilo Braga que na antevéspera dos domingos de bodo, nas freguesias açorianas, nas casas dos devotos do Divino Espírito Santo, junta-se a quantidade de farinha de trigo necessária ao preparo dos pães que serão cozidos, os quais, conforme a tradição, têm um formato alongado, terminando “na parte mais estreita por um arremedo de bola, a que se dá o nome de **pão de cabeça**”. São as mulheres ilhoas que preparam este pão de massa sovada e é tão presente nas casas este costume de fazer os pães de cabeça para os bodos, que o citado cronista diz cheirarem a pão fresco, nessas ocasiões, as freguesias!

Depois de cozidos, nos sábados anteriores às festas, são os pães enfeitados com uma rosa e transportados cerimoniosamente pelos homens, em cestas, para a dispensa dos impérios das freguesias.

Então, nos dias de Pentecostes e da Santíssima Trindade, são as centenas de pães de cabeça arrumados em carros de bois enfeitados e transportados festivamente para o terreiro do império, onde se realiza o bodo, servindo-se todos de fatias do pão sovado e copos de vinho fresco. Isto tudo feito em meio ao foguetório e a muita música e dança. É o bodo, celebração ao Divino Espírito Santo, das graças dele recebidas, da fartura por ele propiciada e repartida votivamente pelos que mais a tiveram com os que pouco ou nada costumam ter, os pobres de todos os lugares e tempos.

Não é difícil compreender, pois, como este costume açoriano de pagamento de voto ou promessa com oferenda de pães de extremidade em forma de cabeça, nas festas do Divino Espírito Santo, transcriu-se nas nossas massas de promessas de tantas festas religiosas da beira-mar catarinense.

Virgílio Várzea (1862 – 1941), notável cronista do cotidiano da gente catarinense do litoral, já no século XIX, faz o registro da presença das massas de promessa nas festas do Divino Espírito Santo e da Santíssima Trindade nas comunidades da Ilha de Santa Catarina. Em *A Ilha de Santa Catarina*, cuja primeira edição é de 1900, o escritor, descrevendo a grande “festa que se realiza na freguesia de Trás do Morro, a uma légua da capital, no dia da Santíssima Trindade”, refere-se ao largo da igreja ornamentado de flores, às girândolas de foguetes e à “casinha acapelada do *Império* dentro da qual se hão de leiloar depois as ‘promessas’ sagradas de massas e de ceras, vasadas em formas simbólicas de pernas, mãos, braços e corações.” Vê-se, pois, que tal costume já estava instalado entre nós, do modo que ainda hoje é vivenciado, no século seguinte ao da chegada dos primeiros açorianos. Dos primitivos pães de cabeça dos bodos de Pentecostes e da Santíssima Trindade, transcriaram-se cabeças, pernas, braços, mãos, corpos inteiros de massas de pão; entregues pelas centenas de devotos; consumidas pelo povo sim, mas antes leiloadas, para mais se festejar e contribuir, não somente com o Divino Espírito Santo ou com a Santíssima Trindade, mas aqui com os muitos santos das tantas devoções populares.

Segue Virgílio Várzea narrando o leilão das massas de promessa, agora na festa do Divino Espírito Santo em Desterro:

“... as figuras escarlates dos leiloeiros entram a mover-se de um lado para outro. Cada uma delas, um braço no ar, onde se ostenta uma salva com massas, joga olhares em redor, soltando alegre pregão: Quinhentos réis pelas massas !... O leilão desdobra-se num entusiasmo crescente, dando uma febre de arrematação a todos... a alegria é peregrina, como em uma festa do lar, nessa familiaridade catarinense que tanto impressiona e encanta.”

Conforme levantamento realizado em 1996, na região da foz do rio Itajaí-açu, esta manifestação religiosa popular estava ainda presente em oito dos onze municípios que compõem a microrregião. São eles: Itajaí, Balneário Camboriú, Camboriú, Itapema, Navegantes, Ilhota, Penha e Luís Alves. Nos outros três municípios – Piçarras, Porto Belo e Bombinhas – não houve resposta dos respectivos párocos ao questionário que na ocasião se lhes enviou; o que não exclui a sobrevivência desta manifestação cultural naqueles lugares.

Não resta dúvida que as massas de promessa são hoje uma tradição religiosa resistente ao poder exterminador do tempo laico e moderno que se vive. Vale registrar, assim, o depoimento do então pároco de Itapema, Padre Sérgio Maykot, naquela entrevista: “Pessoalmente, tenho bastante respeito para com as manifestações religiosas do povo. De outra parte, penso que devemos incentivar manifestações populares que aos poucos estão se extinguindo.”

Prometer, fazer, pagar e consumir

O costume de se fazer promessas em troca da oferenda de massas está ligado sempre ao pedido de cura, de restabelecimento da saúde corporal. Doente, ele ou pessoa de sua família ou um animal de sua criação, o devoto faz o pedido de cura, prometendo, caso mereça tal graça, fazer ou mandar fazer uma massa que entregará ao santo no dia de sua festa. A promessa pode ser feita pelo próprio interessado ou por outrem e o cumprimento da promessa pode ser feito tanto pelo agraciado quanto pelo promitente. A promessa é feita particularmente, muitas vezes guardada no recôndito do coração. Não há necessidade de se dar publicidade a ela; é revelada, quando se alcança a graça.

Na maioria das vezes, da feitura da massa se encarrega a mulher, mas há quem a encomende ao padeiro. Os ingredientes, segundo uma receita recolhida em Limeira, interior do Município de Camboriú, em 1995, são um ovo, meia xícara de açúcar, uma colher de manteiga, uma colher de banha de porco, uma colher de fermento de pão, meia xícara de água morna e farinha de trigo. Então, juntam-se os ingredientes, acrescentando a farinha de trigo até a massa adquirir consistência. A seguir, ela deve ser bem sovada. Depois estica-se a massa com o rolo de macarrão e faz-se com a faca o recorte da figura conforme a promessa: uma cabeça, um braço, uma mão, dois olhos, uma perna, um pé, a figura inteira de uma pes-

soa ou de um animal. Deixa-se crescer a massa e, então, leva-se ao forno para cozer.

O pagamento da promessa se concretiza na entrega da massa cozida no dia da festa do santo. Aqui não há ritual algum. Nada se diz, nem se registra. Há publicidade na entrega, quando os festeiros recebem a massa. Também se faz questão de que a família e comunidade fiquem sabendo do pagamento da promessa, para que o poder milagroso do santo seja reverenciado e a fé nele cresça sempre mais. No espaço privado do lar se fez a promessa, no espaço público da comunidade se paga o prometido.

A festa celebra, na alegria dos agraciados, de seus familiares e vizinhos, o triunfo do poder absoluto do sagrado contra as mazelas do mundo e a possibilidade, sempre ao alcance dos que têm fé, de se conseguir a misericórdia divina, curando os males da vida do homem e o fazendo feliz.

As massas entregues como pagamento de promessas pertencem ao santo. São de sua propriedade. Comê-las, então, só depois de arrematadas em leilão, fazendo-lhe com devoção outra oferta. Neste celebrar, mesmo que depois em casa, de volta da festa, são consumidas as massas, como nos banquetes ou bodos, numa simbólica comunhão entre o humano e o divino.

Mesas de Inocentes: ex-voto celebrativo doméstico

Nas sociedades tradicionais, conforme Mircea Eliade, “a habitação é sempre santificada, pois se constitui um “*imago mundi*” e o mundo é uma criação divina”. No mundo romano antigo, grande parte do culto religioso era praticado em casa, tendo o chefe da família como ministro deste culto doméstico. Ele freqüentemente convidava os amigos a assistirem ao culto em sua casa, no qual fazia suas oferendas às divindades, o que, segundo Paul Veyne (1990: 192), “honrava os convidados mais do que simplesmente convidá-los para jantar”.

Depositar no altar doméstico um simples bolo de trigo era um costume comum naquele tempo, entre os pobres que não tinham posses para oferecer vítimas caras aos deuses pelas curas recebidas, conta-nos também Paul Veyne. Assim como, continua o autor, “um meio mais simples de santificar as refeições era convidar deuses a jantar”, para eles se colocavam na mesa pratos com comida.

Aliás, conclui o mesmo Paul Veyne, falando sobre a religião dos romanos antigos, “a doação e o voto, essa troca divina por doação humana, eram tão importantes quanto a prece”.

Devemo-nos lembrar também que estas visões de mundo, com seus gestos e rituais domésticos, estiveram muito presentes no culto católico dos santos na Idade Média. Com certeza mais reforçados pelo costume do cristianismo primitivo, na época das grandes perseguições, de entregar a hóstia consagrada aos fiéis, para que a levassem para casa e a consumissem no lar, nas celebrações domésticas durante a semana.

As “Mesas de Inocentes”, cremos, além de remontarem a esse imemorial culto doméstico de um ágape com o sagrado, rememoram no espaço doméstico a Santa Ceia de Nosso Senhor Jesus Cristo. Pois ela é também um ex-voto, que se cumpre em casa, e assim se faz. Após obtido o favor divino pedido mediante uma promessa, convidam-se doze crianças – meninos e meninas - com menos de sete anos para uma refeição celebrativa, em que são servidos pães ou bolos de trigo e uma bebida, como café, refrigerantes ou sucos. Na organização da mesa, são arranjados os doze lugares, deixando-se um vago, que é o de Nosso Senhor Jesus Cristo, que assim ceiou com seus doze apóstolos e na “Mesa dos Inocentes” de novo estará presente. Antes de serem as crianças servidas, o dono ou a dona da casa que as convidou cumprindo sua promessa, faz uma oração agradecendo a Jesus a graça que recebeu.

O homem religioso, explica Mircea Eliade (1992,78) acredita que ele pode se aproximar do sagrado, quando ritualiza, repetindo o “tempo primordial” em que aconteceram as manifestações e as obras divinas.

A fé católica ensina que o batismo, como sacramento, elimina o pecado e devolve à criança o estado de pureza anterior ao primeiro pecado do homem e da mulher. Então, até os sete anos, a criança vive esta pureza e inocência, perdendo-as, no entanto, quanto atinge a dita idade da razão. O homem religioso adulto, ao ritualizar a inocência e a pureza, representadas pelas inocentes crianças convidadas para a Mesa, acredita poder também tornar-se inocente e puro e, assim, conquistar acesso ao sagrado, do qual só se aproximam, ensina a fé cristã, os puros e inocentes.

A “Mesa de Inocentes”, tão cara, à religiosidade popular de Santa Catarina, é um ritual em que o sagrado cristão se familiariza e se integra ao cotidiano do homem religioso. Agenor Brighenti (2001:15) muito bem explica que, “desde a emancipação da razão ilustrada até no

imediatamente do contexto conciliar”, sempre entenderam os intelectuais da Igreja ou não que tais manifestações religiosas, por seu corte pré-científico, eram rematadas formas de alienação religiosa. “No entanto, continua este autor, apesar de seus limites, nas últimas décadas, um olhar mais profundo permite falar dessas manifestações do catolicismo popular como uma forma genuína de inculturação do catolicismo nos meios populares”.

Elas resistiram ao processo de romanização da Igreja Católica, de marca tridentina; foram reconsideradas após o Concílio Vaticano II, mas hoje sofrem “os impactos da cultura moderna, principalmente pela perda do imaginário, que nem sempre é passado às novas gerações”

Bibliografia

- BRAGA, Hildo Teófilo. Em Louvor do Divino – os bodos. In: **Os Impérios do Espírito Santo na Simbólica do Império**. II Colóquio Internacional. Angra do Heroísmo, Açores, 1985.
- BRIGHENTI, Agenor. **A Igreja do futuro e o futuro da Igreja – Perspectivas para a evangelização na aurora do terceiro milênio**. São Paulo: Paulus, 2001.
- CASTRO, Márcia de Moura. **Ex-Votos Mineiros – as tábuas votivas do ciclo do ouro**. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 1994.
- CRAVO NETO, Mário et al. **Ex-Votos**. S.L.: Áries. 1986.
- ELIADE, Mircea. **O Sagrado e o Profano – a essência das religiões**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- FARIAS, Vilson Francisco. Açorianos: cultura e fé caminham juntos. In: **Diário Insular**. Terceira, Açores, 11 e 12 nov. 1995.
- HOUAIS, Antônio e VILLAR, Mauro de Salles. **Dicionário Houais da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- MELO, Osvaldo Ferreira de. **Introdução à História da Literatura Catarinense**. Porto Alegre: Movimento, 1980.
- OLIVEIRA, Gilka Corrêa. **Ex-Votos**. Recife: Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, 1976.
- PEIXOTO, Virgília Ribeiro. **Ex-Votos**. Recife: Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, 1976.
- PIAZZA, Waldomiro. **Religiões da Humanidade**. São Paulo: Loyola, s/d.

SILVA, Maria Augusta Machado da. Ex-Votos Brasileiros. **Cultura**.
Brasília, n.2.Ano 1, 1971.

VÀRZEA, Virgílio. **A Ilha de Santa Catarina**. Florianópolis: IOESC,
1984.

VEYNE, Paul. O Império Romano. In: **História da Vida Privada**. Vol 1.
São Paulo: Companhia das Letras, 1990.